



A VIVÊNCIA DA AMAMENTAÇÃO NA ÓTICA DE PUÉRPERAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A ENFERMAGEM

THE BREASTFEEDING EXPERIENCE IN RECENT MOTHERS VIEW: CONTRIBUTIONS FOR NURSING

LA EXPERIENCIA DE LA LACTANCIA EN LA ÓPTICA DE LAS PUERPERAS: CONTRIBUCIONES PARA LA ENFERMERÍA

Liese Klimeck Brauner Pissolato¹, Camila Neumaier Alves², Lisie Alende Prates³, Laís Antunes Wilhelm⁴, Lúcia Beatriz Ressel⁵

RESUMO

Objetivo: conhecer a vivência de puérperas acerca da amamentação. **Método:** estudo descritivo, com abordagem qualitativa, desenvolvido com dez puérperas em dezembro de 2013, em um município no interior do Rio Grande do Sul/RS. Os dados foram produzidos por meio de entrevista individual semiestruturada e analisados pela proposta operativa. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CAEE 22960613.3.0000.5346. **Resultados:** a amamentação apresenta-se como um evento influenciado culturalmente, que reforça a identidade materna. O conhecimento das participantes em relação aos benefícios desta prática é restrito e está atrelado principalmente à saúde da criança. O companheiro revela-se como um aliado na adesão e continuidade da amamentação, mas ainda não reconhece o seu papel nesse processo. **Conclusão:** a amamentação é uma prática que carece de ser centralizada na conjugalidade e completitude, envolvendo, assim, o companheiro nas ações de apoio, proteção e promoção à amamentação. **Descritores:** Aleitamento Materno; Cultura; Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to know the experience of recent mothers about breastfeeding. **Method:** a descriptive study with a qualitative approach, developed with ten recent mothers in December 2013, in a city in the interior of Rio Grande do Sul/RS. The data was produced through individual semi-structured interview and analyzed by the operative proposal. The research project was approved by the Research Ethics Committee, CAEE 22960613.3.0000.5346. **Results:** breastfeeding is shown as a culturally influenced event, which reinforces maternal identity. Knowledge of participants about the benefits of this practice is restricted and is linked mainly to children's health. Their partners is an ally in its adherence and continuing breastfeeding, but also recognize their role in this process. **Conclusion:** breastfeeding is a practice centered on the conjugality and completeness, involving the partner in actions to support, protect and promote breastfeeding. **Descriptors:** Breastfeeding; Culture; Nursing.

RESUMEN

Objetivo: conocer la experiencia de puérperas acerca de la lactancia. **Método:** estudio descriptivo con enfoque cualitativo, desarrollado con diez puérperas en diciembre de 2013, en una ciudad en el interior de Rio Grande do Sul/RS. Los datos fueron producidos por medio de entrevista individual semi-estructurada y analizados por la propuesta operativa. El proyecto de investigación fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación, CAEE 22960613.3.0000.5346. **Resultados:** la lactancia se presenta como un evento influenciado culturalmente, que refuerza la identidad materna. El conocimiento de las participantes en relación a los beneficios de esta práctica es restricto y está ligado principalmente a la salud del niño. El compañero se revela como un aliado en la adhesión y continuidad de la lactancia, pero todavía no reconoce su papel en ese proceso. **Conclusión:** la lactancia es una práctica que parece ser centralizada en la conjugalidad y completitud, envolviendo, así, el compañero en las acciones de apoyo, protección y promoción a la lactancia. **Descriptores:** Lactancia Materna; Cultura; Enfermería.

¹Enfermeira, Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: liesebrauner@hotmail.com; ²Enfermeira, Mestre, Doutoranda, Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas (RS), Brasil. E-mail: camilaenfer@gmail.com; ³Enfermeira, Mestranda, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: lisiealende@hotmail.com; ⁴Enfermeira, Mestre, Doutoranda, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: laiswilhelm@gmail.com; ⁵Enfermeira, Professora, Doutora, Departamento de Enfermagem/ Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: lbressel208@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A amamentação corresponde a uma das etapas mais simbólicas no processo reprodutivo feminino,¹ considerada um evento condicionado social, cultural e também comportamental.² O ato de amamentar propicia à criança a proteção contra inúmeras doenças, nutrição de qualidade, proteção imunológica, menor chance de desenvolver malformações da dentição, melhora do desenvolvimento craniofacial e das funções estomatognáticas. Além destes aspectos, estudos recentes demonstram que há indícios que crianças amamentadas apresentam melhor desenvolvimento, além da redução da morbimortalidade infantil.³⁻⁵

Entre os benefícios para a saúde da mulher, a amamentação contribui para a prevenção de doenças, como os cânceres de mama, de útero e de ovário, diminui o sangramento pós-parto e auxilia na recuperação do corpo ao estado pré-gravídico.⁶ Ademais, auxilia na formação de vínculo entre o binômio mãe-filho e promove sensações prazerosas que influenciam na afetividade, com consequente diminuição dos índices de rejeição, abandono e violência infantil.⁷

Para a família, a amamentação implica num ponto positivo para a situação financeira, visto que o leite materno não possui custos, resultando em economia com alimentação, consultas médicas, medicamentos, exames e internações.⁴ Já para a sociedade, acarreta na sustentabilidade e na minimização de riscos ambientais. Uma vez estimulada a amamentação, há diminuição da produção de inúmeros materiais (chupetas, mamadeiras, metais para confecção de latas, papelão, papéis, cola, plásticos), que geram poluentes e resíduos para o meio ambiente. Com isso, o amamentar também pode ser considerado um ato ecológico, e incentivá-lo é contribuir também para a sustentabilidade ambiental.⁸⁻⁹

Embora sejam inegáveis os benefícios da amamentação tanto para mulher quanto para a criança, é necessário refletir sobre fatores que podem influenciar positiva ou negativamente no seu sucesso. Diante do exposto, a questão que norteou este estudo foi << **Como a amamentação é vivenciada por um grupo de puérperas?** >>. Para tanto, o objetivo deste estudo é conhecer a vivência de puérperas acerca da amamentação.

MÉTODO

Estudo de campo, descritivo, com abordagem qualitativa. As participantes foram dez mulheres que estavam vivenciando o puerpério, as quais foram captadas em uma

Unidade Básica de Saúde, localizada em um município no interior do Rio Grande do Sul/RS. Os critérios de inclusão foram mulheres que estivessem no período pós-parto e que estivessem amamentando. A captação delas foi aleatória, de acordo com a demanda de chegada ao serviço, e o número de participantes foi definido mediante o critério de saturação dos dados.¹⁰ Os dados foram coletados por meio de entrevista individual semiestruturada, realizada na residência das entrevistadas, durante o mês de dezembro de 2013.

A análise de dados fundamentou-se na proposta operativa.¹⁰ A fase exploratória desta proposta envolveu o conhecimento do contexto sócio-histórico das participantes. A fase interpretativa incluiu a interpretação das falas das participantes e subdividiu-se em duas etapas, ordenação e classificação dos dados.

Para ordenação dos dados, inicialmente, realizou-se a transcrição das entrevistas e organização das falas. A seguir, para classificação dos dados, percorreram-se quatro etapas: leitura horizontal e exaustiva dos textos; leitura transversal; análise final; e relatório.

Essas etapas envolveram, respectivamente, a leitura flutuante de todo o material produzido durante a coleta de dados e a identificação das estruturas de relevância, ideias centrais e posturas das participantes em relação à temática; o recorte de cada fala em unidade de sentido; o confronto entre os dados coletados e os referenciais teóricos acerca do assunto; e a apresentação dos resultados da pesquisa.

A coleta de dados ocorreu após a autorização da Secretaria Municipal de Saúde e da aprovação por Comitê de Ética e Pesquisa sob o número do CAEE 22960613.3.0000.5346. Ainda, para garantir o anonimato das informantes, foi viabilizada a identificação com a letra “L” (Lactante), seguida de uma ordem alfanumérica, de acordo com a sequência das entrevistas.

RESULTADOS

As dez participantes do estudo tinham idades entre 20 aos 45 anos. As profissões/ocupações referidas por elas foram caixa de lancheria, “do lar”, secretária, auxiliar de laboratório, estudante, almoxarife, moto-taxista, técnica de enfermagem, telefonista e recepcionista. Quanto à escolaridade, uma apresentava ensino médio incompleto, sete possuíam ensino médio completo e duas possuíam o ensino superior incompleto. Com relação à situação conjugal,

quatro eram casadas, duas apresentavam união estável e quatro eram solteiras. Em se tratando do número de filhos, duas relataram ter quatro filhos, uma referiu ter três, cinco apresentavam dois e duas referiram ter um filho. Todas referiram ter amamentado os filhos. Quanto à idade dos bebês, estes se encontravam entre 21 dias e quatro meses.

A amamentação emergiu, nas falas das entrevistadas, como um evento que é influenciado culturalmente e que reforça a identidade materna. Essas percepções retratam uma realidade culturalmente construída, na qual estão imbricados valores e crenças íntimos de cada uma. Neste sentido, quando questionadas sobre o que significava amamentar, a maioria associou a amamentação ao bebê, enfatizando os benefícios desta prática para a saúde e o desenvolvimento do filho. A seguir, apresentam-se as falas que expõem os saberes das mulheres quanto à importância da amamentação.

Porque a criança fica mais forte, não é por qualquer coisinha que ela adoce. (L4)

É o único alimento que fortalece. É importante pro bebê, pro crescimento. (L5)

Por causa das vitaminas, por causa dos anticorpos, eu acredito. E porque eu aprendi que é saudável pra eles, até porque dizem que é a primeira vacina, né? (L6)

É bom. Tem anticorpos, que eu tô passando pra ele. Ele tá bem alimentadinho. Tá crescendo, tá[...] É tudo de bom amamentar. (L10)

Destoando das falas anteriores, uma participante reconheceu outros benefícios da amamentação, além daqueles que envolvem a saúde da criança:

É importante por causa dos benefícios que traz pro bebê e pra mãe também, que o corpo vai voltando ao normal. Toda natureza, né? Que se completa com a amamentação. (L9)

Além deste aspecto, outra depoente também enfatizou o papel da amamentação no fortalecimento do vínculo entre mãe e filho:

Acho que fortifica o laço da mãe com o bebê. (L2)

Este depoimento retrata uma ideia positiva acerca da amamentação, com destaque para a possibilidade de formação do vínculo afetivo entre o binômio, além de representar um aspecto necessário para o “ser mãe”, conforme afirma outra participante:

Sem contar com o vínculo que eu tenho com ele agora, assim, da olhadinha que ele me dá agradecendo. É muito bom. (L10)

Diante do exposto, pode-se perceber que a amamentação é considerada como um fator

importante para a construção de vínculo entre mãe e bebê. Além disso, as entrevistadas também fizeram considerações a respeito das crenças e mitos existentes na sociedade referentes à amamentação, como observa-se a seguir:

Quando eu tava lá (no hospital), um pai disse pra mãe que não era pra dar o leite dela, porque o leite era podre. (L3)

Eu já ouvi que depois que tu tem relação (sexual), tu não pode dar o peito pro nenê. [...] Também que se tu chegar cansada, tu não pode dar mama pro nenê. (L4)

A lactante L3 mencionou a crença do leite “podre” ao lembrar que um marido havia instruído a esposa, no hospital, a não amamentar, porque seu leite havia demorado a “descer”. Em razão disso, ele acreditava que o leite faria mal ao bebê.

Já a outra lactante se referiu ao cansaço físico como algo que dificultaria a produção de leite, pois, para ela, cansar o corpo faria com que a produção de leite também ocorresse de forma mais lenta. Nesta perspectiva, as falas expressam mitos presentes no contexto de vida da puérpera, que são repassados entre as gerações, conforme evidencia-se em outra fala:

A gente vai bastante pra fora e eu ouvi há uns anos [...] eu não acredito [...] que quando tem cobra, dizem que quem amamenta, elas sentem o cheiro do leite e vem, chupa a teta da mãe, e o rabo ela bota na boca da criança pra criança não chorar. Diz minha avó que isso aí existia, há muito tempo atrás, em fazendas e por tudo[...] Eu não sei, não sei se é verdade, mas todo mundo conta. (L8)

Além destas questões culturais que envolvem os mitos em torno da amamentação, outro aspecto que se destacou, nas falas, foi a participação do companheiro nessa fase. Assim, das dez entrevistadas, nove referiram ter o apoio do companheiro na amamentação, sendo que destas, quatro expressaram que o companheiro participava inclusive neste processo.

Ah, ele tira do berço, me alcança no colo. Ele me alcança a toalhinha. Ele participa bastante. (L1)

Eu sento, me preparo, arrumo, e ele fica com a bebê no colo daí [...] e de noite também. Ele levanta, pega o bebê, acende a luz. (L2)

Quando ela chora ou alguma coisa assim, ele levanta, nana, coloca pra dormir. Ele ajuda, ele incentiva também. ‘Tá com fome!’, ‘ai, faz isso, faz aquilo’. Ele incentiva bastante. (L3)

Ele é um pai bem presente, assim, ele pega as crianças, ele me ajuda, ele balança, ele é um pai muito presente. (L5)

Ainda foi possível verificar, em uma fala, a preocupação da mulher em assumir o cuidado da criança para permitir que o companheiro descansasse, pois ele trabalhava fora de casa.

Eu deixo o berço do meu lado e é quase sempre eu que acordo. Eu procuro deixar ele dormir, porque ele acorda cedo pra trabalhar. (L7)

Algumas mulheres relataram ter apoio do companheiro na adesão e na continuidade da amamentação, mas não contam com a sua participação nesse processo.

Não. Ele só muda ele, mas na parte de mamar, não. Só, qualquer choro do nenê ele diz ‘oh, tá com fome, tem que dar a teta’. (L4)

Não, ele não participa. Ele diz assim: ‘mas tu vai dar mama pra ele, Deus o livre’. Às vezes, ele (o bebê) tá chorando e eu tô fazendo alguma coisa e ele diz ‘larga tudo, tem que atender ele agora’. (L6)

A partir desses relatos, pondera-se que o companheiro confere maior importância ao papel materno, enfatizando as ações de cuidado que a mãe deve desenvolver com o bebê e não reconhece o seu papel paterno nesse processo.

Emergiram ainda as orientações recebidas pelos profissionais de saúde em relação à amamentação.

A única coisa que a doutora me falou que depois de 40 dias, eu voltava a vida normal. Só isso ela me falou. (L4)

Nada. Não. Dela não, ela só me deu uma lista de remédios. (L5)

Como foi pouquinho (fissura), eu colocava o leite do peito, conforme as enfermeiras me auxiliaram, né? No hospital. (L9)

Eu escuto algumas coisas sobre alimentação. Que pode dar cólica no bebê, tipo feijão, muito tempero. Funciona! Tipo refrigerante, né? Que eu tô me cuidando e sei que funciona mesmo. (L10)

Diante destes depoimentos, é possível perceber a falta de orientações em relação aos cuidados que a mulher precisa ter consigo nessa fase. Desse modo, as informações transmitidas centraram-se, basicamente, na amamentação, com foco na saúde do lactente.

DISCUSSÃO

Os depoimentos revelam o desconhecimento das mulheres em relação às vantagens da amamentação para a saúde materna. Considera-se que esse conhecimento restrito e centrado prioritariamente na saúde do bebê pode ser justificado pelo fato de as mulheres terem construído o valor da prática da amamentação a partir do discurso médico. Assim, a amamentação é concebida

essencialmente como alimento, afeto e proteção necessários à saúde do bebê, sendo considerada uma prática socialmente determinada às mulheres.¹¹⁻²

O ato de amamentar tornou-se uma condição simbólica para qualificar a mulher como uma boa mãe. Essa concepção construiu-se mediante o conhecimento destas mulheres sobre os atributos do leite materno e o sentido que esta prática possui para elas. Logo, a dedicação, a responsabilização e a sujeição justificam-se pela necessidade de exercer completamente o dever de mãe e de ter um filho bem cuidado. Assim, o amor materno tende a ser relacionado com a amamentação.¹³⁻⁴

Os profissionais de saúde também reforçam essa crença ao cobrarem a responsabilidade da mulher perante a amamentação, enfatizando que a mãe deve decidir corretamente a alimentação do filho.¹⁴ Ademais, as orientações centram-se em saberes biomédicos, que consideram somente os aspectos biológicos e fisiológicos da amamentação, direcionando o cuidado às mamas, visando prevenir agravos mamilo-aureolares, garantir o sucesso da amamentação e o bem-estar da criança.¹⁵

Considera-se, todavia, que as ações de apoio, proteção e promoção à amamentação devem ultrapassar os paradigmas atuais dominantes, que vislumbram a amamentação basicamente sob a perspectiva biologicista. Sendo necessário, portanto, investir em estratégias que contemplem também os aspectos psicológico, histórico, social e cultural¹⁶, considerando as vantagens da amamentação não só para a criança mas também para a mulher, família e sociedade.

Neste estudo, pode-se verificar que as mulheres apresentavam percepções positivas sobre o ato de amamentar e que estas estavam relacionadas aos benefícios propiciados ao bebê, à recuperação do corpo feminino e à formação do vínculo mãe-filho. Logo, depreende-se que, para elas, amamentar não envolve somente a garantia de nutrição para o recém-nascido mas também um processo que se expande e reflete nas suas demais interações sociais.

Nas falas, entretanto, ainda se sobrepõem os benefícios da amamentação atrelados à saúde da criança. Corroborando com estes achados, outros estudos¹⁶⁻¹⁷ também identificaram que as mulheres enfatizam, predominantemente, as vantagens proporcionadas pela amamentação ao bebê, pontuando em menor intensidade as implicações desta para sua própria saúde. Os mesmos autores sugerem que os profissionais

de saúde revejam as orientações fornecidas às gestantes e puérperas no tocante à amamentação, de modo a não limitar essa prática ao lactente ou a esfera biológica.

Um dos benefícios da amamentação, citado pelas participantes, se refere à criação de vínculo afetivo entre mãe e filho. Nessa perspectiva, percebe-se que, no relato das lactentes sobre sua experiência em aleitar, algumas descrevem a amamentação como um ato permeado de momentos bons, diretamente relacionados com a transmissão de amor entre mãe e filho.

Outros autores¹⁶⁻⁸ também referem, em seus estudos, que o contato físico entre mãe e filho foi percebido pela mulher como um momento agradável de afeto, carinho e aproximação, que permite a construção de laços de amor e a representação do “ser mãe”.

Diante do exposto, percebe-se que há conotação de importância quanto à amamentação como fator de construção de vínculo entre os sujeitos envolvidos diretamente no processo da amamentação. Vê-se uma relação direta do ato de amamentar com o amor materno, bem como uma valorização dessa crença pela sociedade.¹⁴

Por ser uma prática influenciada pelo contexto social e cultural no qual a mulher vive, a amamentação envolve uma multiplicidade de mitos, dos quais alguns foram mencionados pelas entrevistadas. O termo mito deriva dos verbos *mytheyo* (contar, narrar) e *mytheo* (conversar, nomear), e envolve uma história ou um conjunto de histórias impregnadas em uma determinada cultura, que são consideradas como verdadeiras e são transmitidas por gerações.¹⁹

Observa-se a concepção de que o leite materno, em consequência de determinadas condutas, poderia se tornar um leite “podre”, inadequado para a nutrição da criança. Nesse contexto, o mito expressa o modo de pensar e perceber de uma família, grupo e/ou sociedade. Mais do que isso, manifesta o significado de um determinado assunto para os indivíduos.¹⁴

O mito do leite “podre” foi transmitido por um dos atores mais significativos no processo de amamentação, o companheiro da mulher. Neste estudo, este sujeito foi destacado, por algumas mulheres, como um importante aliado da prática, participando ativamente do processo. Em outras situações, embora apoiasse, o companheiro participava como um mero coadjuvante.

Ressalta-se, entretanto, que o suporte paterno é indispensável para o sucesso da amamentação, sendo que, muitas vezes, a presença do companheiro é o suporte de maior relevância para a mulher. A influência paterna destaca-se como um dos motivos para a adesão à amamentação e contribui para a sua continuidade.²⁰⁻² Contudo, a visão de responsabilidade materna em prover a alimentação da criança está culturalmente inserida na sociedade, apesar da participação paterna apoiando a amamentação e cuidando dos filhos.²¹

Desse modo, a construção social da amamentação conferiu ao homem uma função essencialmente econômica, distanciando-o progressivamente dos cuidados com os filhos. Percebe-se, na sociedade, um modelo tradicional no qual o homem deve atuar como provedor econômico da família, enquanto a mulher deve dedicar-se aos cuidados do lar e dos filhos.²³⁻⁴ Nesse sentido, a maneira como a mãe e o pai são vistos na sociedade implica diretamente na prática da amamentação.

Entende-se, portanto, que o preparo do companheiro é essencial no seu envolvimento na amamentação. É preciso repensar as práticas imperativas vigentes, que apresentam a amamentação como uma prática natural e instintiva para as mulheres e que excluem os homens desse processo. Deve-se incentivar ações integradoras, que possibilitem a parceria de práticas de cuidado entre o companheiro e a lactante, desmistificando os atributos do homem e da mulher, construídos ao longo da história da humanidade.²⁵

CONCLUSÃO

Espera-se que este estudo possa subsidiar a discussão em torno da amamentação como uma das inúmeras possibilidades presentes na vida da mulher e não como a única e obrigatória condição para ser considerada como uma boa mãe, de modo que a mulher que opte por não amamentar, não seja culpabilizada por essa decisão.

É necessário internalizar a amamentação como uma prática centralizada na conjugalidade e completitude de todos os membros da família, entre eles, o companheiro, a fim de que este possa tornar-se um apoiador e incentivador da amamentação, acompanhando a mulher nos serviços de saúde, buscando informações sobre os cuidados com o bebê e desenvolvendo um papel mais atuante. Em contrapartida, os profissionais de saúde também precisam ser sensibilizados e capacitados para receber esses sujeitos na mesma proporção, inserindo-os nas práticas

de cuidado, valorizando-os e estimulando-os a participar desse período singular para a família.

Considera-se que este estudo, por si só, não seria capaz de contemplar a totalidade dos fatores que envolvem o ato de amamentar. Contudo, durante a sua construção, foi possível perceber a amamentação como um fenômeno sócio-histórico-cultural, fortemente influenciado pelos mitos repassados entre as gerações, intimamente ligados ao significado construído pelas mulheres e pela sociedade ao longo da história. Logo, ratifica-se a importância de discutir o conhecimento acerca da amamentação para essas mulheres, desmitificando também a crença de que essa prática envolve apenas o universo feminino e que não pode ser vivenciada com o companheiro.

REFERÊNCIAS

1. Carvalho MR, Tavares LAM. Amamentação: bases científicas. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2010.
2. Almeida JAG, Novak FR. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. *J Pediatr*. 2004;80(5):119-25.
3. Aguiar H, Silva AI. Breastfeeding: the importance of intervening. *Acta med port*. 2011;4:889-96.
4. Baptista GH, Andrade AHHKG, Giolo SR. Fatores associados à duração do aleitamento materno em crianças de famílias de baixa renda da região sul da cidade de Curitiba, Paraná, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2009;25(3):594-604.
5. Rodrigues A, Padoin S, Paula C, Guido L. Factors those influence in self-efficacy of breastfeeding: an integrative review. *J Nurs UFPE on line* [Internet]. 2013 Mar [cited 2014 Nov 10]; 7(5):4144-52. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage/index.php/revista/article/view/4031> doi: 10.5205/01012007
6. Martins MZO, Santana LS. Benefícios da amamentação para saúde materna. *Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente*. 2013;1(3):87-97.
7. Pereira RR. Anestesia e analgesia de parto: impacto na amamentação. In: Carvalho MR, Tavares LAM. Amamentação: bases científicas. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2010.
8. Martins LA, Aguiar ACS, Ribeiro JF, Araújo RT, Silva LWS, Nunes ECDA. Amamentação como fator de preservação do meio ambiente. *Rev Saúde.Com*. 2010;8(1):57-71
9. Oliveira PMP, Reboucas CBA, Pagliuca LMF. Construção de uma tecnologia assistiva para validação entre cegos: enfoque na amamentação. *Rev bras enferm*. 2009;62(6):837-43.
10. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco; 2010.
11. Frota MA, Mamede ALS, Vieira LJES, Albuquerque CM, Martins MC. Práticas culturais sobre aleitamento materno entre famílias cadastradas em um Programa de Saúde da Família. *Rev esc enferm USP*. 2009;43(4):895-901.
12. Marques DM, Pereira AL. Amamentar: sempre benefícios, nem sempre prazer. *Cienc Cuid Saude*. 2010;9(2):214-9.
13. Rocha NB, Garbin AJI, Garbin CAS, Moimaz SAS. O ato de amamentar: um estudo qualitativo. *Physis*. 2010;20(4):1293-1305.
14. Marques ES, Cotta RMM, Priore SE. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. *Ciênc saúde coletiva*. 2011;16(5):2461-8.
15. Florencio A, Van Der Sand ICP, Cabral FB, Colomé ICS, Girardon-Perlini NMO. Sexuality and breastfeeding: concepts and approaches of primary health care nurses. *Rev esc enferm USP*. 2012;46(6):1320-6.
16. Junges CF, Ressel LB, Budó MLD, Padoin SMM, Hoffmann IZ, Sehnem GD. Percepções de puérperas quanto aos fatores que influenciam o aleitamento materno. *Rev gaúch enferm*. 2010;31(2):343-50.
17. Azevedo DS, Reis ACS, Freitas LV, Costa PB, Pinheiro PNC, Damasceno AKC. Conhecimento de primíparas sobre os benefícios do aleitamento materno. *Rev Rene*. 2010;11(2): 53-62.
18. Melo MCP, Pimentel CS, Barros AG. Experiences of teenage mothers in breastfeeding a health unit. *Rev enferm UFPE on line* [internet]. 2011May [cited 2014 Dec 12];5(3):698-705. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage/index.php/revista/article/download/1611/2006> doi: 10.5205/reuol.1262-12560-1-LE.0503201118.
19. Chauí M. Convite à filosofia. 14ª ed. São Paulo: Ática; 2010.
20. Marques ES, Cotta RMM, Magalhães KA, Sant'Ana LFR, Gomes AP, Siqueira-Batista R. A influência da rede social da nutriz no aleitamento materno: o papel estratégico dos familiares e dos profissionais de saúde. *Ciênc saúde coletiva*. 2010;15(1):1391-1400.
21. Silva BT, Santiago LB, Lamonier JA. Apoio paterno ao aleitamento materno: uma revisão integrativa. *Rev paul pediatr*. 2012;30(1):122-30.

22. Sousa AM, Fracolli LA, Zoboli ELCP. Práticas familiares relacionadas à manutenção da amamentação: revisão da literatura e metassíntese. *Rev Panam Salud Publica*. 2013;34(2):127-34.
23. Piazzalunga CRC, Lamounier JÁ. A paternidade e sua influência no aleitamento materno. *Pediatrics* (São Paulo). 2009;31(1):49-57.
24. Pinheiro L, Galiza M, Fontoura N. Novos arranjos familiares, velhas convenções sociais de gênero: a licença-parental como política pública para lidar com essas tensões. *Rev Est Fem*. 2009;17(3):851-9.
25. Paula AO, Sartori AL, Martins CA. Aleitamento materno: orientações, conhecimento e participação do pai nesse processo. *Rev Eletr Enf [Internet]*. 2010 [cited 2014 nov 17];12(3):464-70. Available from: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v12i3.6929>

Submissão: 20/11/2014

Aceito: 26/06/2015

Publicado: 01/08/2015

Correspondência

Camila Neumaier Alves
Universidade Federal de Pelotas
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
Rua Gomes Carneiro, 01 / 2º andar - Sala 201
CEP 96010-610 – Pelotas (RS), Brasil